

A ESTILÍSTICA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

COSTA, Sandra Diniz¹
GHELLI, Kelma Gomes Mendonça²

"A língua exprime, o estilo sublinha" (Rifaterre)

Resumo

Este estudo tem por objetivo mostrar as contribuições da Estilística para os estudos linguísticos atuais. Analisa-se a questão do estilo, com suas diversas acepções, define-se a Estilística como ramo da Linguística e apresentam-se alguns critérios para a análise estilística de texto. Finalmente, apresenta-se uma análise prática, do poema "Aniversário", de Fernando Pessoa.

Palavras-chave: Linguística. Linguagem. Estilo. Estilística.

Abstract

This study aims to present the contributions from Stylistics to the current linguistic studies. We analyze the question of style with its spread conceptions, we define Stylistics as a Linguistic study field as well we present some criteria for analyzing texts. Finally, we show a practical analysis of Fernando Pessoa's poem "Aniversário".

Keywords : Linguistic. Language. Style. Stylistics.

Introdução

A linguagem, objeto de estudo da ciência linguística, além de seu caráter intelectual, possui uma dimensão emocional, que permite ao emissor expressar os seus sentimentos, emoções e modos de ser e, ao mesmo tempo, influenciar o receptor (ouvinte, leitor), provocando nele uma determinada impressão. É o que Mattoso Câmara (1978) denomina como dimensões expressiva e impressiva da língua. Expressiva, porque permite que o leitor se

¹ Professora ME aposentada de Língua Portuguesa e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. Professora convidada de Língua Portuguesa e Linguística da Fundação Carmelitana Mário Palmério, em Monte Carmelo-MG

² Professora ME de Língua Portuguesa e linguística da Fundação Carmelitana Mário Palmério, em Monte Carmelo-MG

manifeste por intermédio da linguagem e impressiva, porque provoca no interlocutor determinada reação. O próprio Mattoso Câmara (1978, p.110) assim define a estilística, em seu Dicionário de Linguística e Gramática: “Disciplina linguística que estuda a expressão em seu sentido estrito de expressividade da linguagem, isto é, a sua capacidade de emocionar e suggestionar”.

Isso posto, o objetivo deste artigo é descrever alguns aspectos introdutórios da Estilística e mostrar sua contribuição para os estudos linguísticos, bem como apresentar alguns passos para a análise estilística de textos. Apresentam-se, inicialmente, informações sobre a questão do estilo e suas diversas acepções. Em seguida, apresenta-se a definição de Estilística, seu histórico e principais correntes. Após o aporte teórico, apresenta-se um roteiro de análise estilística de textos e, finalmente, uma análise prática do poema “Aniversário”, de Fernando Pessoa.

1. Estilo: uma questão complexa

O termo “estilística” está profundamente ligado ao termo “estilo”, que é discutido nesta seção. Historicamente, estilo era um ponteiro ou haste de metal ou de osso, com uma ponta aguda e outra achatada, usada pelos antigos para escrever sobre tábuas cobertas de cera. É interessante lembrar que, em Francês, a palavra caneta é denominada *stylo*, palavra também ligada à antiga ferramenta da escrita. O Dicionário HOUAISS (2011) apresenta as seguintes definições para estilo:

1. Ponteiro ou haste de metal, osso etc., com uma ponta aguda e outra achatada, usada pelos antigos para escrever sobre tábuas cobertas de cera
2. Modo pelo qual um indivíduo usa os recursos da língua para expressar, verbalmente ou por escrito, pensamentos, sentimentos, ou para fazer declarações, pronunciamentos etc. Exs.: *estilo dramático; estilo prolixo; estilo solene*
3. Maneira de exprimir-se, utilizando palavras, expressões que identificam e caracterizam o feitio de determinados grupos, classes ou profissões. Ex.: *estilo dos comentaristas esportivos*
4. Maneira de escrever que segue o padrão social de correção gramatical e elegância. Exs.: *texto em bom estilo; manual de estilo*
5. Rubrica: sociolinguística. Cada um dos graus de formalidade de um discurso escrito ou falado; registro.
6. Conjunto de tendências, gostos, modos de comportamento característicos de um indivíduo ou grupo Exs.: *essas cores não fazem meu estilo; vivem de acordo com o estilo local*

- 7 Rubrica: artes plásticas, arquitetura, música, literatura. Conjunto de tendências e características formais, conteudísticas, estéticas etc. que identificam ou distinguem uma obra, um artista etc., ou determinado período ou movimento. Exs.: *prédio em estilo neoclássico*; *o estilo de Graciliano Ramos*
- 8 Conjunto de traços que identificam determinada manifestação cultural. Ex.: *o estilo hippie*
- 9 Conjunto de características formais que distinguem e qualificam um objeto segundo o modo e a época em que foi produzido. Ex.: *mobiliário em estilo colonial*
- 10 Elegância no vestir. Ex.: *homem sem estilo*
- 11 Espécie, gênero. Ex.: *retorquiu à agressão com acridéz do mesmo estilo* (HOUAISS, 2011, versão eletrônica)

Observa-se, na definição do dicionário, que o termo estilo expandiu-se para fora dos limites dos estudos linguísticos, mas, para nós, neste trabalho, serão arroladas algumas definições dadas por estudiosos da linguagem para designar esse termo.

Matoso Câmara (1978) define estilo nos seguintes termos:

Em sentido lato, Estilo é a maneira típica pela qual nos exprimimos linguisticamente, individualizando-nos em função da nossa linguagem. Para isso, fazemos uma aplicação metódica dos elementos que a língua ministra (Leo Spitzer), procedendo a uma escolha entre as possibilidades de expressão que se apresentam na língua (Marouzeau). Em sentido estrito, no entanto, essa característica decorre, antes de tudo, do nosso impulso emotivo e do propósito claro ou subconsciente de suggestionar o próximo (CÂMARA Jr., 1978, p. 7).

Segundo Guiraud (1970, p. 26-27), na Antiguidade, havia a distinção entre três estilos elementares: o simples, o temperado e o sublime. Esses estilos foram representados graficamente na denominada Roda de Virgílio (Figura 1). Essa roda representa as três obras-primas do autor romano — as Bucólicas, as Geórgicas e a Eneida. Cada aro corresponde a um dos três estilos. São representados os nomes, os animais, os instrumentos, as residências e as plantas a eles atribuídas.

Assim, o *camponês* chama-se *Caelius*, lavra seu *campo* plantado de *árvores frutíferas*, com seu arado puxado por *bois*; mas o *capitão* chama-se *Hector*, está coroadado de *louros*, tem à cinta um *gládio*³ e percorre o *acampamento* em seu *cavalo*. A vida do labrego⁴ será contada em *estilo simples*, ao passo que se usarão *estilo grave* ou nobre para contar as façanhas de Heitor (GUIRAUD, 1970, P. 27, grifos do autor)

Guiraud ainda cita o poeta italiano Dante Alighieri que, em sua obra *De Vulgari Eloquentia* assinala que, entre as palavras, “[...] algumas pertencem às crianças, outras às

³ Espada curta de dois gumes.

⁴ Lavrador, homem rude do campo.

mulheres, outras aos homens, certo número pertence ao campo e outro tanto às cidades e que, entre as últimas, umas são penteadas e polidas, enquanto as restantes são rudes e encrespadas” (GUIRAUD, 1970, p. 28). Chama a atenção a metáfora precisa, de que as palavras são “penteadas”, o que lembra o cuidado na escolha e no uso delas feito, a questão estética, a preocupação com a beleza. É o que afirma Cressot (1980), ao afirmar que o estilo pertence à fala, é a escolha feita pelos usuários em todos os comportamentos da língua. Pode ser uma escolha consciente e deliberada (o “pentear” das palavras), ou um simples desvio. Dubois (1970, p. 49) pontua que “o estilo [...] constitui a marca da individualidade do sujeito na fala”, retomando Saussure, de quem era discípulo, que afirmava que o estilo pertence à langue, como uma forma de desvio do sistema estabelecido.

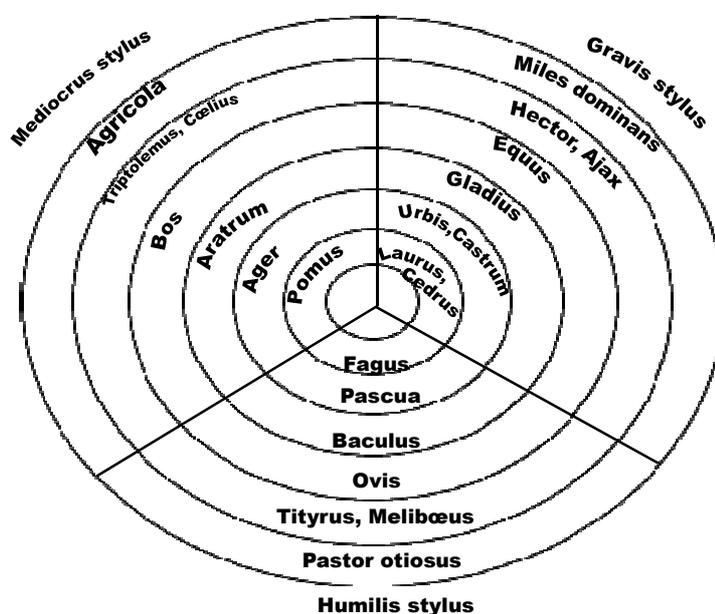


FIGURA 1 A roda de Virgílio

Humilis Stylus, estilo simples; *Pastor otiosus*, pastor despreocupado; *Tityrus, Melibæus*, personagens das “Bucólicas”; *Ovis*, ovelhas; *Baculus*, cajado; *Pascua*, prados; *Fagus*, faia⁵.

Mediocrus stylus, estilo médio; *Agricola*, lavrador; *Triptolemus, Caelius*, personagens das “Geórgicas”; *Bos*, boi; *Aratrum*, arado; *Ager*, campo; *Pomus*, frutos, árvores frutíferas.

Gravis stylus, estilo sublime; *Miles dominans*, soldado vencedor e autoritário; *Hector, Ajax*, personagens da “Eneida”; *Equus*, cavalo; *Gladius*, espada; *Urbs, Castrum*, cidade, fortaleza ou acampamento militar; *Laurus, Cedrus*, loureiro, cedro.

(Fonte: Guiraud, 1970,p. 26)

Essa distinção de estilos contida na Roda de Virgílio foi retomada por diversos estudiosos do estilo e é, talvez, precursora dos níveis de registros da linguagem, apontados

⁵ designação. comum às árvores do gênero *Fagus e Nothofagus*, da família das fagáceas
Cadernos da Fucamp, v.14, n.20, p.100-119/2015

por tantos autores na linguística (VANOYE, 1973). É ainda Guiraud que cita Mauvillon, em seu *Tratado de Estilo* (1751), que faz distinção também em três tipos de estilo:

Face (face) é o estilo sublime; *visage* (cara) o estilo medíocre; *garbe, frime, frimousse* (rostinho em estilo familiar) é do estilo burlesco.
Demeure (morada) pertence ao estilo sublime; *habitation* ao estilo medíocre; *manoir* (solar ou mansão) ao cômico.
Mer, océan (mar, oceano) são de todos os estilos; *l'humide, le moite élément, la plaine liquide* (o úmido, o elemento úmido, a planura líquida) só se empregam no estilo sublime (GUIRAUD, 1978,p.29)

Independentemente dessas classificações, pode-se perceber que o estilo é decorrente das escolhas feitas pelo falante entre as diversas possibilidades que a língua lhe confere, para não apenas expressar sua individualidade, mas também influir no comportamento de seus destinatários, deixando sua marca pessoal naquilo que produz. Encerra-se essa seção a respeito de estilo com as significativas palavras de Murry, (1968, p. 39): “Por um lado, o estilo é uma concentração de emoção peculiar e pessoal; por outro lado, é uma projeção cabal dessa emoção na coisa criada”.

2. Panorama histórico da Estilística

A Estilística como ciência é relativamente nova, mas tem raízes históricas na antiga Retórica greco-romana, que ficou conhecida como a arte de falar em público. Sabe-se que, entre os gregos, dominar a retórica era tão importante quanto o uso do computador em nossa sociedade atual. Reunidos na *ágora*, a praça, os cidadãos tinham que, sem uso de microfone, de *data show* ou de quaisquer instrumentos tecnológicos, falar a seus compatriotas e convencê-los da veracidade de suas ideias. Adilson Citelli, em seu livro “Linguagem e Persuasão” (1999), afirma:

[...] praticando um certo conceito de democracia, e tendo de expor publicamente suas ideias, ao homem grego cabia manejar com habilidade as formas de argumentação. Daí toda larga tradição dos tribunos, dos sofistas, que iam às praças públicas, aos tribunais, aos foros, tentando inflamar multidões, alterar pontos de vista, mudar conceitos pré-formados. Demóstenes, Quintiliano, Górgias foram alguns desses nomes que ficaram célebres pela habilidade com que encaminhavam suas lógicas argumentativas.

Não é, pois, estranho que a Grécia clássica tivesse levado a graus de sutileza a preocupação com a estruturação do discurso. As escolas criaram, inclusive, disciplinas que melhor ensinassem as artes de domínio da palavra: a

eloquência, a gramática, a retórica, atestam algumas das evidências do conjunto de preocupações que marcaram a relação dos gregos com o discurso (CITELLI, 1999, p.15).

A esse respeito, o próprio Citelli cita os autores Oswald Ducrot e Tzvetan Todorov (1976, p. 99), para quem o surgimento da retórica como disciplina específica foi o primeiro testemunho de uma reflexão a respeito da linguagem na sociedade ocidental. Pela primeira vez se refletiu sobre o aspecto discursivo da língua, sobre o efeito que ela provoca nos ouvintes (e mais tarde, por extensas, nos leitores).

Após a Antiguidade, durante a Idade Média, a Retórica foi aplicada mais ao campo religioso, nas famosas contendas públicas mantidas entre os monges dos diversos mosteiros, que discutiam temas dogmáticos com a intenção única de mostrar suas habilidades argumentativas, mais que, propriamente demonstrar a verdade. Na Idade Moderna, com o advento do positivismo, anulou-se a Retórica, porque o importante era o conteúdo, aquilo que poderia ser comprovado, e não a forma (experimentalismo). Finalmente, na Idade Contemporânea, a Retórica volta em duas grandes vertentes: a teoria da argumentação, no discurso científico e a Estilística, nos estudos linguísticos.

3. A estilística francesa de Charles Bally e a alemã, de Vossler e Spitzer

Charles Bally, discípulo de Saussure, é considerado o fundador da Estilística. Ele previa uma Estilística da langue, do sistema linguístico, um levantamento das potencialidades expressivas do idioma. Ele próprio a define como a “Ciência da expressividade”, um

[...] estudo dos fatos de expressão da linguagem organizada do ponto de vista de seu conteúdo afetivo, isto é, um inventário das potencialidades estilísticas da língua (efeitos de estilo) no sentido saussureano e não no estudo do estilo de tal autor, que é um emprego voluntário e consciente destes valores (MELLO, 1976, p. 15).

Nesse sentido, pode-se dizer que a Estilística tem duas correntes principais, com defensores de ambos os lados. Em uma corrente, a Estilística francesa, de Bally e de Jakobson e, de outro, a Estilística voltada para os textos literários, cujos principais representantes são os alemães Vossler e Spitzer.

Rifaterre (1973) afirma que a tarefa da estilística é identificar a reação do leitor diante de um texto e encontrar a fonte de suas reações na forma do próprio texto. O estilista é um arqueólogo, espécie de soma de todos os leitores, porque a ele se atribui a cultura máxima
Cadernos da Fucamp, v.14, n.20, p.100-119/2015

(leitura das críticas, dicionários etc.) para detectar as unidades em que o autor balizou seu texto.

Na verdade, o que se faz, na maioria das vezes, é combinar as duas vertentes: fazer um levantamento das potencialidades afetivas da língua e, ao mesmo tempo, verificar de que forma essas potencialidades se concretizam nos diferentes textos, literários ou não.

Mello afirma que a Estilística faz parte da linguística, mas caminha paralelamente à gramática. No mesmo sentido, Câmara Junior (1978) aponta que

A estilística distingue-se da gramática, que estuda as formas linguísticas na sua função de estabelecerem a compreensão na comunicação linguística. A distinção entre a estilística e a gramática está em que a primeira considera a linguagem afetiva, ao passo que a segunda analisa a linguagem intelectualiva (CÂMARA JR. 1978, p. 110)

Mattoso Câmara Jr. afirma que a estilística pode exprimir-se nos diversos segmentos ou estratos da língua. Assim, há que analisar os processos fônicos, que constituem a Estilística Fônica, que ressalta a expressividade do material fônico dos vocábulos, tanto considerados isoladamente, como agrupados em frase. Em seguida, verificar as associações significativas, que compõem a Estilística Semântica, que estuda a conotação, referente ao valor afetivo ou socialmente convencional que adere à significação das palavras e, finalmente, as construções Sintáticas, ou Estilística Sintática, que trata das variantes de colocação suscetíveis de causar emoção ou sugestionar o próximo .

Colocados esses apontamentos teóricos, passa-se, agora, propriamente à análise estilística de textos.

4. Roteiro para a análise estilística de textos

4.1 Primeiro passo: leitura atenta do texto

Antes de se analisar um texto, é necessário que seja feita uma leitura atenta, que levará à compreensão. Quando se diz leitura atenta é isso mesmo o que se quer afirmar: uma leitura calma, vagarosa, que permita a compreensão de todas as palavras. Ler várias vezes o texto, tantas vezes quantas forem necessárias à percepção de sua mensagem. Assim, o uso do dicionário é fundamental, porque ele esclarece o sentido das palavras desconhecidas. Não se admite, para a análise de um texto, que fique uma só palavra sem ser entendida pelo analista.

Ieda Dias, escrevendo para professores a respeito do trabalho com leitura, faz uma afirmação, a respeito da apreciação de poemas, que bem serve aos propósitos das orientações deste trabalho:

Um dos pontos mais importantes no estabelecimento de um clima propício à apreciação poética, por parte dos alunos, é a sua atitude, como professor, em relação à poesia. Para isso, prepare-se bem, convivendo com o material poético. Isto não quer dizer, naturalmente, que você vá esperar o acontecimento, para depois apresentar poemas a seus alunos. Não! Você vai crescer nessa arte de apreciar e gostar de poesia junto com seus alunos.

[...]

Leia o poema muitas vezes até penetrar na mensagem do autor. Pare e reflita sobre a dimensão nova dessa mensagem. Pare e aprecie a melodia dos versos, a beleza das imagens, a sonoridade das palavras, a suavidade e leveza dos movimentos, as impressões de luz, cor e sombra, verifique a forma exterior do poema, observe o ritmo ajudando a compreensão etc.[...] Veja o conjunto de todos esses elementos, contribuindo na transmissão da mensagem poética (DIAS, 1970, p. 23)

Assim, uma análise requer um aprofundamento do leitor, uma capacidade de perceber as intenções do escritor, as entrelinhas do texto, as alusões, as ambiguidades. Ler as notas de rodapé, as informações que forem dadas a respeito do texto, porque elas contribuem para o bom entendimento da mensagem. Por exemplo, no texto “Navegar é preciso”, de Fernando Pessoa, é importantíssimo que se leve em conta a nota:

Navigare necesse; vivere non est necesse” do Latim, frase de Pompeu, general romano, 106-48 a. C., dita aos marinheiros, amedrontados, que se recusavam a viajar durante a guerra, cf. Plutarco, in Vida de Pompeu]

Essa nota esclarece que o autor Fernando Pessoa está retomando uma frase latina para recontextualizá-la em seu poema. É claro que só o treino constante levará à perfeição.

4.2 Segundo passo: a compreensão do texto

É necessário, aqui, um cuidado: compreender um texto não é interpretá-lo. Fillmore (1980) fala em “envisionamento” de um texto, que é a ação de recriar o mundo do texto na mente do indivíduo que o lê. O envisionamento é construído a partir da leitura das palavras que compõem o texto. Às vezes, a má compreensão de uma expressão pode levar a um envisionamento equivocado. Por exemplo, na análise feita por uma aluna, do poema “Navegar é preciso”, a expressão do título levou-a a imaginar que o poema falasse das navegações

portuguesas. A partir daí, construiu uma compreensão errônea do texto, que impediu que ela compreendesse a real mensagem do poema. Outra aluna, ao analisar o poema “O menino da sua mãe”, também do poeta Fernando Pessoa, compreendeu erroneamente que o poema se referisse ao relacionamento de uma mãe com o seu filho. É necessário cuidado, pois, para não se construir um envisionamento equivocado. E só a leitura calma, vagarosa e repetida do texto permitirá que tais desvios de compreensão sejam corrigidos. E também a prática.

Nesta fase, o leitor ainda não vai tomar nenhuma posição em relação ao texto, não vai discutir sua mensagem, vai apenas compreendê-la. Nisso difere a compreensão da interpretação. Essa primeira fase é prévia e preparatória da própria análise do texto. Não se inicia a análise com um comentário das palavras encontradas no dicionário.

4.3 Terceiro passo: a localização do texto

Localizar um texto consiste em esclarecer a posição que ele ocupa dentro da obra a que pertence. Aqui, cabem alguns comentários sobre o autor, sobre o momento em que o texto foi escrito, a obra de que faz parte etc. Todas as partes de uma obra literária são solidárias e cada aspecto particular depende do conjunto; por isso é tão importante, na análise de um texto, levar em conta o conjunto a que ele pertence e o lugar que ocupa nesse conjunto.

Ainda não se está analisando propriamente o texto, mas o analista precisa dessas informações. Se tiver acesso a outras análises feitas por outros autores a respeito do texto também será útil para o trabalho.

4.4 Quarto passo: a análise em si

Neste ponto, chega-se propriamente à análise do texto. Analisa-se, inicialmente, o título do texto, porque, sobretudo nos textos literários, o título quase sempre é uma pista a respeito das ideias veiculadas. Ele pode ser um resumo do texto, pode ser um desafio ao leitor, pode ser uma alusão, a retomada de uma afirmação. Assim, a análise do título de um poema é um bom ponto de partida para que a compreensão do texto seja conseguida de maneira eficaz. Um exemplo interessante é o título do soneto “Nel mezzo del camin”, de Olavo Bilac que remete ao verso de abertura do livro *Inferno*, a primeira parte de “A Divina Comédia”, de

Dante Alighieri. No poema de Dante, esse trecho corresponde a uma metáfora do caminho que o personagem terá que enfrentar e vencer, em busca de sua amada e de uma revelação divina. Qualquer análise do poema deverá levar em conta esse aspecto.

Em seguida, determina-se o tema do texto, que é sua ideia central, o fio condutor da rede metafórica apresentada — é um aspecto fundamental na análise feita. Se o analista errar na formulação do tema, toda a sua compreensão poderá ser equivocada, o seu envisionamento não será correto e seu trabalho ficará prejudicado. O tema revela a intenção do autor ao escrever. Segundo Carreter e Lara (1973, p. 19), o tema é a “célula germinal do texto”. O tema deve ser formulado de forma clara e breve, que revele o âmago da mensagem. Geralmente, é expresso por um substantivo abstrato, acompanhado de complementos. Não deve possuir elementos supérfluos, mas também não pode ser enunciado secamente, sem uma introdução que o justifique.

4.5 Determinação da estrutura do texto

Segundo Carreter e Lara (1973, p. 20), “um texto literário não é um caos. O autor, ao escrever, vai compondo. Compor é colocar as partes de um todo de tal modo que possam constituir um conjunto.”

Todas as partes de um texto se relacionam entre si e também se relacionam com o tema do texto. Cada parte ou segmento provém de modulações diversas que o tema vai adquirindo, à medida que o texto se desenvolve. Descobrem-se os segmentos, observando-se as modulações temáticas, como em uma composição musical. Não se deve fragmentar demasiado o tema, para que a análise não perca a unidade.

Os segmentos não correspondem necessariamente às estrofes ou parágrafos e, sim, às novas nuances que o tema adquire, à medida que o texto é enunciado.

4.6 Análise da forma a partir do tema

A explicação ou análise do texto deve ser feita na ordem em que as ideias aparecem. Na explicação, vai-se comprovando, linha por linha, de que modo o tema vai determinando as variações formais construídas pelo autor. A análise consiste em justificar as variações formais

do texto, uma a uma, nos aspectos gráfico, fônico, mórfico, sintático e semântico. A análise deve ser feita segmento por segmento. Como na crítica de um quadro ou de um filme, devem ser esclarecidos todos os recursos usados pelo autor. Tudo o que se afirma tem que ser justificado com trechos do próprio texto, entre aspas ou em itálico. A Figura 2 sumariza os estratos a serem observados na análise estilística.

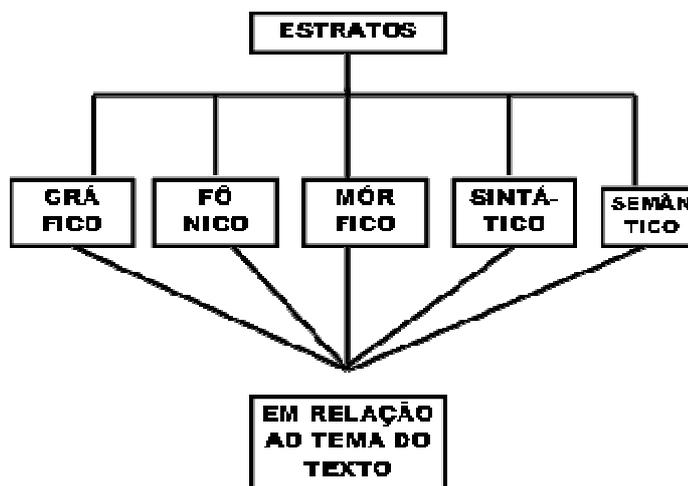


FIGURA 2 Análise estilística- estratos a observar

No **estrato gráfico** verifica-se o formato do texto: o tamanho dos versos (ou parágrafos), a pontuação, se há versos mais longos que os outros, se há palavras em itálico ou em negrito, ou escritas com maiúsculas, etc.

Por exemplo, no texto “Poema de Circunstância”, de Mário Quintana, que fala da impotência do homem diante do progresso, os versos são dispostos de tal forma que, se a folha for virada horizontalmente, tem-se o formato de uma cidade (Figura 3).

- POEMA DE CIRCUNSTÂNCIA**
1. Onde estão os meus verdes?
 2. os meus azuis?
 3. o Arranha-Céu comeu!
 4. E ainda falam nos mastodontes, nos brontossauros, nos tiranossauros,
 5. Que mais sei eu!
 6. Os verdadeiros monstros, os Papões, são eles, os arranha-céus!
 7. Daqui
 8. do fundo
 9. das goelas
 10. só vemos o céu, estreitamente, através de suas empinadas gargantas ressecas
 11. Para que lhes serviu beberem tanta luz?!
 12. De frente
 13. à janela onde trabalho
 14. há uma árvore...
 15. Mas já estou gerando um monstro de permeio!
 16. Sim, uma grande árvore... Enquanto há verde,
 17. pastai, pastai, olhos meus...
 18. Uma grande árvore muito verde... Ah,
 19. todos os meus olhares são de adeus
 20. como o último olhar de um condenado!
- Mário Quintana. Antologia completa. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1966, p. 112

FIGURA 3 Poema de circunstância, de Mário Quintana

Nos versos 8-11, os versos mais curtos (daqui/ no fundo/ das goelas) fazem contraste com o verso 12, como alguém que, debaixo, mirasse um arranha-céu. Na poesia concretista, o aspecto gráfico tem muita importância, mas em todo texto, é bom verificar se, graficamente, existe alguma pista para o analista: parênteses, colchetes, demais sinais de pontuação etc.

No **estrato fônico**, o analista dirige sua atenção às questões fônicas que aparecem no texto: a combinação de sons graves e agudos, abertos e fechados, as rimas, o ritmo e, se houver, as figuras fônicas: aliterações, onomatopeias, ecos etc.

No **estrato mórfico-lexical**, o analista vai prestar atenção aos aspectos morfológicos que compõem o poema: os prefixos, sufixos, neologismos, arcaísmos. O vocabulário do texto, as expressões expletivas, as classes de palavras empregadas de maneira especial. Verificar também as figuras de palavras: metáforas, metonímias, etc. Um exemplo muito interessante, neste aspecto, é o poema “O homem, as viagens”, de Carlos Drummond de Andrade, que explora neologismos e também o uso de prefixos e de sufixos.

No **estrato sintático**, são verificadas as construções do autor: concordâncias, regências, colocação de palavras... Verificar as figuras de construção: elipse, zeugma, silepse,

etc. e as de pensamento: ironias, antíteses, personificações, paradoxos etc. Esse é o estrato mais rico, uma vez que a maioria das construções tem um objetivo claro do autor no texto.

Finalmente, é necessário considerar **estrato semântico**, porque todas as construções do autor só têm sentido em relação à mensagem do poema. Assim, o aspecto semântico, ou seja, o tema, será o fio condutor da análise feita.

Embora seja possível, não é aconselhável fazer a análise de cada estrato separadamente, mas deve-se apontar, à medida que aparecem, os recursos usados pelo autor. Alguns analistas optam por separar os estratos, mas a análise fica repetitiva e fragmentada, porque, geralmente, um recurso está imbricado no outro, levando ao efeito de sentido desejado. Não basta uma enunciação da técnica do autor, mas um esclarecimento a respeito do porquê do recurso usado, em relação ao tema.

Como todo trabalho acadêmico, a análise deverá ter uma conclusão, breve. Aqui, o analista pode ficar mais livre para externar sua opinião a respeito do texto e fechar o seu pensamento.

A título de exemplificação, será feita, na próxima seção, a análise do texto “Aniversário”, de Fernando Pessoa.

5. Aniversário, de Fernando Pessoa: uma proposta de análise

5.1 Determinação do tema

Neste poema de nostálgicas reflexões, o poeta estabelece um confronto entre duas realidades: a infância feliz, que ficou perdida no tempo, e a vida solitária do adulto, que se sente abandonado e sem esperanças. O poema é como o folhear de um álbum de família, em que as recordações afloram, alegres umas, tristes e sombrias outras. E essas recordações giram em torno de dois eixos principais: as festas de aniversário, evocadas no título e simbolizadas num verso que se repete como um estribilho, “*o tempo em que festejavam o dia dos meus anos, de um lado, e a casa dos seus antepassados de outro (a casa dos que me amaram)*”. Esses dois aspectos norteiam as lembranças do poeta, até atingir o clímax desesperadamente explosivo do final. Assim, pode-se formular o tema do poema nos seguintes termos: **Confronto entre o passado feliz e o presente amargo do poeta.**

5.2 Estrutura do texto

Para essa análise, propõe-se a divisão do poema em cinco segmentos, a saber:

1º segmento: Descrição dos tempos passados, felizes – Do verso 1 ao verso 8.

2º segmento: Os tempos passados vistos com os olhos cínicos do adulto de hoje - Do verso 9 ao verso 18.

3º segmento: O que o poeta é hoje - Do verso 19 ao verso 24.

4º segmento: O passado visto com os olhos da saudade - Do verso 25 ao verso 35.

5º segmento: Desespero do poeta, por não poder voltar ao passado - Do verso 36 ao verso 45.

5.3 Análise da forma a partir do tema

O título do poema é uma indicação do ponto de partida das reflexões do poeta: o adulto de hoje se recorda dos aniversários antigos, distantes, perdidos no tempo. O tempo em que festejavam o dia dos seus anos. Um tempo que foi feliz, embora perceba, hoje, que essa felicidade só aconteceu devido às circunstâncias e não a ele próprio. Não foi ele o artífice de seus tempos felizes, mas eles aconteceram em razão dos outros, *que ainda não estavam mortos* e que *comemoravam o dia dos seus anos*.

5.3.1 Primeiro segmento: os tempos passados, felizes - Do verso 1 ao verso 8.

Neste primeiro segmento, o poeta recorda os tempos passados, que foram muito felizes. embora ele, criança, não tivesse consciência dessa felicidade. Um tempo em que *ninguém estava morto*. Por essa expressão, percebe-se que a estabilidade emocional do poeta era assegurada, naquele tempo, pela integridade da família. O seu mundo era a família e, se eles estavam vivos, *ninguém estava morto*. Também a alegria da família, na época, era a felicidade dele e era uma coisa certa, previsível, talvez porque simples. Vê-se o poeta como um elemento passivo desse mundo, um elemento que recebia amor e felicidade e, se os devolvia, era de forma inconsciente:

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos: o sujeito indeterminado reforça essa ideia de passividade: não importa deixar claro quem promovia a festa, o que era importante é que ela acontecia, mais como uma tradição, uma forma de preservação dos valores culturais e familiares. Há quem diga que a preservação das tradições é uma forma de assegurar a conservação do que é considerado importante para determinada comunidade. Assim, a comemoração dos aniversários era, para a família, uma forma de conservar as tradições, como a união dos familiares (*as tias velhas, os primos diferentes*), a alegria, a felicidade, a valorização dos novos membros do clã, etc.

Na casa antiga. até eu fazer anos era uma tradição de há séculos: nota-se, aqui, a importância da preposição até, que mostra que a família valorizava as tradições, pois *até* o aniversário de um menino (de todos os meninos) era uma tradição secular. Importante, também, neste verso, o emprego do verbo haver regido de preposição (*de há séculos*), o que dá uma ideia de continuidade temporal muito mais intensa do que se fosse dito *uma tradição de séculos*.

Após descrever a época feliz, o poeta faz uma reflexão sobre as possíveis razões dessa felicidade nostalgicamente perdida, como que para sempre: a felicidade era causada pela alienação comum à infância, a felicidade de não saber, de não querer o que não podia ser querido, de não pretender nada mais do que o que era fornecido generosamente pelas circunstâncias. Uma felicidade que não mais seria possível hoje, porque o poeta, hoje, já não é o mesmo: a sua felicidade consistia em *ter a grande saúde de não perceber coisa nenhuma*. E, por não perceber, não sofria, não questionava, aceitava a vida e as coisas exatamente como se mostravam. Não tinha ambições, nem mesmo a da inteligência, porque, para o seu universo, a família, já era inteligente. Quando o poeta fala *na grande saúde de não perceber coisa nenhuma*, faz uma negativa reforçada (*não – nenhuma*), que mostra a força de sua alienação, que é vista como fonte de paz (*a grande saúde*), porque a conscientização dos problemas leva à angústia, que é doença. O poeta, na época, não tinha ambições nem esperanças. Os adultos é que as tinham em seu lugar, a seu respeito. É importante observar o emprego de duas preposições justapostas *de ser inteligente para entre a família* restringindo ironicamente o campo de atuação de suas “vantagens” da época: era inteligente, ou considerado como tal, no círculo restrito da família e isto bastava. Pena que não baste mais!

As pessoas da família não possuíam, na época, importância em si mesmas, mas, sim, em conjunto, como a família total: são sempre tratadas na terceira pessoa do plural, ou por pronomes indefinidos: *ninguém, todos, outros*. Isso é comum nas crianças, que veem pais,

irmãos e demais parentes não em si mesmos, mas como a constelação familiar, de segurança e carinho.

No que toca ao ritmo desse e de outros segmentos, é irregular: os versos são livres, ora muito longos, ora curtos, como a mostrar o tumulto desordenado das recordações, que afluem espontaneamente, sem planejamento. Não há rima, o que reforça a afirmação anterior.

5.3.2 Segundo segmento: Os tempos passados vistos com os olhos cínicos do adulto de hoje – Do verso 9 ao verso 18

Como já iniciara no segmento anterior, o poeta continua suas reflexões sobre o passado e cada vez mais se conscientiza de que aquela felicidade era decorrente das circunstâncias e não de seus méritos pessoais. E suas reflexões tomam-se irônicas e um tanto cínicas, como se ele se envergonhasse da emoção que as recordações vão trazendo.

O segmento inicia-se com um paradoxo: *quando vim a ter esperanças já não sabia ter esperanças; quando vim a olhar para a vida, perdera o sentido da vida*. Ou seja, quando saiu daquele estado de envolvimento, decorrente da inocência infantil, quando se viu agente de sua vida e quis raciocinar e querer para si mesmo, já era um adulto amargo e desiludido, já não sabia ter esperanças, já *perdera* (ou nunca o tivera?) *o sentido da vida*. Tudo o que fora, de feliz, não fora por sua vontade ou por seu mérito, mas pelas circunstâncias, pelos outros: foi de *suposto a si-mesmo, de coração e parentesco*, por ser visto pelos olhos magnânimos e benevolentes dos que o amavam, e conversavam sobre ele. durante os serões. Parece até que se podem ouvir as conversas das tias e comadres (Que gracinha! Esse menino vai longe!... É tão esperto, tão arteiro! Imagine que outro dia...). Não importava ser verdade ou não: era assim que era visto. E hoje, ao ver-se com seus próprios olhos, desiludidos e realistas, o poeta sofre e se entristece: *O que fui — ai meu Deus— o que só hoje sei que fui...A que distância!...(Nem o acho...)* As reticências refletem o ritmo das recordações e do sofrimento que trazem. Nota-se que os parênteses realçam a distância e impedem que o poeta encontre o tempo que era feliz.

5.3.3 Terceiro segmento: O que o poeta é hoje - Do verso 19 ao verso 24

A amargura do final do segmento anterior prossegue, levando o poeta a refletir sobre a sua realidade, hoje, e ele faz uma comparação de si mesmo com a casa, a dizer-se como *a umidade no corredor do fim da casa, pondo grelados nas paredes*. A imagem plástica é viva e

mostra-nos o poeta como consequência, novamente, da vida. Se antes era feliz em consequência das circunstâncias, sua infelicidade, hoje, também decorre de não saber, ou não querer viver: ele se vê como algo velho, decrépito, mal-cheiroso e abandonado. O fim da casa, o fim do corredor, pode simbolizar o fim da vida, o fim de tudo: das esperanças, inclusive. E, no fim, a saudade. A saudade da casa *dos que o amaram* (não especificamente dos que ele amou) delinea-se como uma síntese de tudo o que queria alcançar, com a casa: a felicidade, o afeto, a segurança e a harmonia da infância. Tudo o que foi e não é mais.

Ainda posicionando-se passivamente, ele é hoje *terem vendido a casa* (novamente o sujeito indeterminado e o verbo na terceira pessoa do plural), *terem morrido todos* e ter ele *sobrevivido a si mesmo como um fósforo frio*. O poeta não lutou por mudar as coisas e, quando elas mudaram, por si mesmas e pela ação do tempo, ele se limitou a sofrer. Passivo na felicidade, passivo no sofrimento, A única atividade é a de recordar, buscar no passado o que não pode mais ser.

5.3.4 Quarto segmento: O passado visto com os olhos da saudade Do verso 25 ao verso 35

A intensificação das recordações traz um sentimento vivo ao poeta, que começa a externar-se em interjeições e personificações, porque o passado como que ganha vida física, corpo, torna-se quase uma pessoa, para ser tocada pelos dedos febris da saudade: *que meu amor, como uma pessoa esse tempo! Desejo físico da alma de se encontrar ali outra vez*. O poeta começa a angustiar-se, cada vez mais, com o ritmo das lembranças que se sobrepõem e tornam o presente ainda mais insuportável, pelo confronto com a felicidade passada: *comer o passado como pão de fome. sem tempo de manteiga nos dentes!* As metáforas mostram-se violentas, físicas, como se o poeta quisesse tornar as lembranças palpáveis, saboreáveis. Cheiráveis: *Vejo tudo com uma nitidez que me cega para o que há aqui*. E o que há ali? O que foi descrito no segmento anterior: o mofo, o abandono, a morte, a solidão. E ele se volta para o passado, ansioso, vendo tudo no quadro cristalizado da saudade. E então passa a descrever minuciosamente os detalhes da festa, tão bonita e tão comum, mas única, porque a dele: *... e tudo era por minha causa, no tempo em que festejavam o dia dos meus anos...* As reticências e os pontos de exclamação realçam o estado de espírito do poeta, envolvido pela suavidade das recordações mesclada com a angústia trazida pela saudade.

5.3.5 Quinto segmento: Desespero do poeta. por não poder voltar ao passado – Do verso 36 ao verso 45

O ritmo das recordações acentua-se de tal forma que o poeta não suporta mais e grita: *Para meu coração! Não penses! Deixa o pensar na cabeça!* Aparentemente, tem-se um contrassenso, já que o coração não pensa. Mas, quando o sofrimento é demais, obscurece a razão; e é isto o que acontece ao poeta. É como se gritasse consigo mesmo para parar de sofrer ao lembrar. E necessário devolver à razão o controle da situação, para que o sofrimento seja um pouco menos intenso. Sofrimento retratado na expressão *ó meu Deus* repetida por três vezes e finalizada por um ponto de exclamação.

Neste segmento, os versos são curtos, separados por pontos finais, dando uma ideia forte do contraste com o passado, suave e longo, doce de se recordar. Ainda uma vez, o poeta é passivo: já não faz anos... *Dura. Somam-se-lhe dias. Será velho quando o for. Mais nada.* Sempre passivo. Sempre sentindo diante dos fatos da vida. Sofrendo ou sorrindo, mas sempre objeto, nunca agente de seus dias. Nunca sujeito.

5.3.6 Conclusão da análise

Em todo o poema, permanece o clima de saudade, de recordação de um passado feliz, em oposição a um presente vazio e angustiado. E, em todo o poema, aparece a figura do poeta como um elemento passivo diante das circunstâncias, sorrindo e sofrendo ao sabor delas, sem ter poder, como sujeito, para mudar os fatos.

E os versos finais tão belos: *raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira,* como a criança que traz escondidos os doces roubados da festa, para saboreá-los depois, quando não tiver sobremesa. E todos nós temos nossos docinhos, que tanto gostaríamos de ter lembrado de trazer nos bolsos. Como nos adoçariam o presente agora!

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo mostrar as contribuições que a Estilística pode oferecer aos estudos linguísticos e à análise de textos. Não se pretendeu esgotar o assunto, mas fazer um recorte na análise estilística de textos, de forma a auxiliar os alunos de Letras e os Cadernos da Fucamp, v.14, n.20, p.100-119/2015

professores de língua materna a compreenderem e analisarem textos. É necessário salientar que não apenas os textos literários são passíveis de análise: também as reportagens, as propagandas, os discursos políticos são excelente material para se verificar o uso dos recursos expressivos e impressivos da linguagem.

Referências

BALLY, Charles. **Traité de Stilistique française**. 3^{ème} éd., Paris: Klincksieck, 1951

BARTHES, Roland. **Le degré zero de l'écriture**. Paris: Editions du Seuil, 1953

BUENO, Silveira. **Estilística brasileira**. São Paulo: Saraiva, 1964

CÂMARA JR. J. Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. 8. ed., Petrópolis: Vozes, 1978.

_____. **Contribuição à estilística portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

CARRETER, Lázaro; LARA, Cecília de. **Manual de explicação de textos**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico 1973.

CRESSOT, Marcel. **O estilo e suas técnicas**. Trad. Madalena Cruz Ferreira, Lisboa: Ed. 70, 1980

DIAS, Ieda. **Método de Experiências criadoras**, Belo Horizonte, Vigília, 1970, p. 23

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1970.

_____. **Retórica geral**. Trad. Carlos Felipe Moisés *et al.* São Paulo: Cultrix, 1974

DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. **Dicionário das Ciências da Linguagem**. Lisboa: D. Quixote, 1976.

FILLMORE, Charles. **Ideal readers and real readers**. Tradução de Sandra Diniz Costa (mimeo). Berkeley, 1980.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011 (versão eletrônica).

LAPA, Manuel Rodrigues. **Estilística da Língua Portuguesa**. Coimbra: Coimbra, 1975.

MAROUZEAU, J. **Précis de stilistique française** Paris, Masson et Ciestilo, 1946.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à estilística**. São Paulo: USP, 1990.

MELLO, Gladstone Chaves de. **Ensaio de estilística da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Padrão, 1976

MURRY, J. Middleton. **O problema do estilo**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.

RIFATTERRE, Michel. **Estilística estrutural**. São Paulo: Cultrix, 1973

SPITZER, L. **Stylistics and literary history**. Princeton, Univ. of Princeton, 1948.

VANOYE, Francis. **Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita**. Trad. e adapt. Clarisse Madureira Saboia *et. al.* 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992

VILANOVA, José Brasileiro **Aspectos estilísticos da Língua Portuguesa**. Recife, Casa da A

ANEXO – O poema “Aniversário”, de Fernando Pessoa

1. *No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,*
2. *Eu era feliz e ninguém estava morto.*
3. *Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição de há séculos.*
4. *E a alegria de todos, e a minha, estava certa como uma religião qualquer.*
5. *No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,*
6. *Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma.*
7. *De ser inteligente para entre a família.*
8. *E de não ter as esperanças que os outros tinham por mim*
9. *Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter esperanças.*
10. *Quando vim a olhar para a vida, perdera o sentido da vida.*
11. *Sim, o que fui de suposto a mim-mesmo.*
12. *O que fui de coração e parentesco.*
13. *O que fui de serões de meia-província.*
14. *O que fui de amarem-me e eu ser menino.*
15. *O que fui —ai meu Deus— o que só hoje sei que fui...*
16. *A que distância!...*
17. *(Nem o acho...)*
18. *O tempo em que festejavam o dia dos meus anos.*
19. *O que sou hoje é como a umidade no corredor do fim da casa,*
20. *.Pondo grelados nas paredes..*
21. *O que sou hoje e a casa dos que me amaram treme através de minhas lágrimas,*
22. *O que sou hoje é terem vendido a casa,*
23. *É terem morrido todos,*
24. *É estar eu sobrevivente a mim mesmo como um fósforo frio...*
25. *No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...*
26. *Que meu amor, como uma pessoa, esse tempo!*
27. *Desejo físico da alma de se encontrar ali outra vez,*
28. *Por uma viagem metafísica e carnal,*
29. *Com uma dualidade de eu para mim...*
30. *Comer o passado como pão de fome, sem tempo de manteiga nos dentes!*
31. *Vejo tudo outra vez com uma nitidez que me cega para o que há aqui...*
32. *A mesa posta com mais lugares, com melhores desenhos na loiça, com mais copos,*
33. *O aparador com muitas coisas — doces, frutas, o resto na sombra debaixo do alçado—*
34. *As tias velhas, os primos diferentes, e tudo era por minha causa*
35. *No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...*
36. *Para, meu coração!*
37. *Não penses! Deixa o pensar na cabeça!*
38. *Ó meu Deus, meu Deus, meu Deus!*
39. *Hoje já não faço anos.*
40. *Duro.*
41. *Somam-se-me dias.*
42. *Serei velho quando o for.*

43. *Mais nada.*
44. *Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira!...*
45. *O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!...*